



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Cheia, Outubro de 2013, nº 171



O Culto às Árvores e as Deusas das Florestas



Na história religiosa da Europa antiga o respeito e as reverências às árvores desfrutavam de uma relevância especial. As vastas e espessas florestas europeias inspiravam temor e respeito e por isso foram escolhidas como locais adequados para cerimônias e rituais. O silêncio, a semi-obscuridade, o jogo de luzes e sombras, os sons misteriosos criados pelo vento ou os movimentos dos animais criavam o cenário perfeito para o intercâmbio entre os homens, os espíritos da Natureza e as divindades.

Os bosques tornaram-se os mais antigos santuários (temenos, em grego) da humanidade, considerados sítios sagrados e invioláveis. Havia punições severas para aqueles que ousassem machucar ou derrubar uma árvore. Quando era absolutamente necessário cortar uma árvore (para construir moradias ou fortificações) eram feitas previamente oferendas para o espírito da Natureza que morava no seu tronco, explicando-lhe a finalidade e pedindo que se mudasse para outro lugar.

Os povos antigos acreditavam que as árvores eram seres vivos e que cada uma tinha um espírito protetor, que diferia de uma espécie para outra. Em alguns países atribuíam-se às árvores mais velhas o lugar de refúgio das almas dos anciãos, cujas vozes se faziam ouvir no farfalhar das folhas para aconselhar seus descendentes.

A árvore não somente era considerado um ser vivo, mas era a própria manifestação do Eixo Cósmico que ligava o céu a Terra e que proporcionava o intercâmbio entre os mundos. Nos mitos de várias culturas mencionava-se a Árvore da Vida ou do Conhecimento, cujas raízes penetravam no mundo subterrâneo (morada dos espíritos ancestrais e dos animais de poder), o seu tronco atravessando o mundo dos homens e seus galhos se erguendo para captar as energias do céu e das estrelas. Na tradição xamânica, o xamã se desloca ao longo da Árvore Cósmica buscando as informações e energias necessárias para curar ou aconselhar seus semelhantes no mundo superior, mediano ou inferior.

A transição dos cultos animistas (que veneravam todas as manifestações da Natureza considerando-as imbuidas de energia vital) para as religiões politeístas, trouxe modificações na conceituação das árvores, vistas agora como simples habitat – de maior ou menor duração – dos espíritos da Natureza. Esses espíritos podiam se afastar das suas moradas e ao materializar sua energia espiritual assumiam feições humanas (masculinas ou femininas).

A mitologia grega descreve as diferentes classes dessas divindades menores, protetoras das florestas, campos, vales, rios ou lagos, associando-as com diversos mitos e lendas.

Os espíritos da Natureza com formas femininas foram denominados genericamente de Ninfas. Na verdade existiam subdivisões de acordo com o seu habitat ou suas funções. Podemos enumerar: Dríades (protetoras das florestas de carvalhos), Hamadríades (que ficavam ligadas às árvores até suas destruição), Melíades (guardiãs dos freixos e das crianças abandonadas ou perdidas nas florestas), Oréades (cuja morada era nas montanhas), Napéias (moradoras dos vales e dos campos), Naiades (regentes das fontes e dos rios, muito honradas e veneradas),



Nereides (ninfas do mar, aparecendo ora como sereias, ora como mulheres cavalgando cavalos marinhos).

Nos países nórdicos conheciam-se as Ninfas dos freixos, dos teixos, das bétulas, das faias, das macieiras, as Mulheres e Avós das Árvores, as Damas Verdes, as Mães das Florestas, as Nixies e Selkies aquáticas, as Pixies aladas e muitas outras. Os celtas tinham uma grande diversidade de nomes e caracterizações, sendo mencionadas nas inúmeras lendas seres benévolos que apareciam como encantadoras jovens dançando e cantando ou pelo contrário, como entidades malévolas, velhas e peludas, com muitas raízes, corpo coberto de musgo e se comportando de maneira hostil ou ameaçadora. Foram estas representações das Ninfas celtas e escandinavas que persistiram no folclore e nas lendas, como diáfanas fadas ou as bruxas malvadas.

Com o advento das religiões patriarcais, o culto centrado nas divindades femininas – sejam Deusas, sejam espíritos da Natureza – foi diminuído até ser totalmente proibido. Somente nas regiões menos civilizadas e nas tradições nativas foi preservada a maneira respeitosa de tratar as árvores. No início, os templos eram construídos ao ar livre, com suas colunas, abóbadas e a atmosfera sombria e silenciosa. Aos poucos somente as árvores cercado as igrejas e os cemitérios lembravam a antiga conexão e o hábito ancestral de plantar árvores nos nascimentos e nas mortes dos seres humanos. No entanto, a árvore deixou de ser vista como um ser vivo, muito menos como sagrada, usada somente para fins econômicos ou comerciais, sem levar em consideração o equilíbrio ecológico ou energético.

Por mais que tenhamos nos distanciado, no tempo e no espaço, do berço e dos valores dessas antigas tradições, a situação atual das florestas no mundo todo nos incentiva a resgatar o antigo respeito pela preservação das árvores e dos seres espirituais a elas ligadas. Mesmo que atualmente apenas as pessoas sensíveis percebam a presença dos espíritos da Natureza, o reino deles continua existindo ao nosso lado. São eles os guardiões e os protetores do reino vegetal que zelam pelo seu habitat e se empenham no crescimento e multiplicação dos seus protegidos. Porém, eles são impotentes frente às moto serras e às queimadas e por isso se afastam cada vez mais da destruidora presença humana.

Compete às pessoas sensíveis e conscientes tomarem medidas preventivas e ativas para impedir que o nosso planeta se torne uma floresta de concreto, sem seres e energias naturais, povoado por seres robotizados.



* Texto de Mirella Faur, disponível no site da Teia de Thea

Samhain: Reverência às Ancestrais

“Eu vivo, porém não viverei para sempre.
Somente a Mãe Terra vive eternamente”
Canção dos índios Kiowa

Celebrado em 31 de outubro, o Samhain é o mais importante dos oito Sabbats ritualizados ao longo da Roda do Ano, marcando o início do ano novo celta e o terceiro e último festival da colheita. Nesta noite, celebra-se a Deusa em sua face escura, a anciã, a senhora da morte e da sabedoria, buscando-se o contato com os espíritos dos familiares falecidos e dos ancestrais. Nesta noite, às 20h, a Teia de Thea conduzirá um ritual mágico, profundo e transformador na UNIPAZ, somente para mulheres, dedicado ao culto às Ancestrais. A lista de materiais necessários para o ritual pode ser encontrada no site da Teia de Thea: www.teiadethea.org



A morte faz parte do ciclo da vida, assim como o dia alterna-se com a noite, a luz com a sombra. A sombra da proximidade da morte nos permite compreender e respeitar o delicado equilíbrio da vida. Assim, seremos capazes de aceitar a continuidade da vida nos nossos descendentes, pois nós também somos a continuação da linhagem ancestral. As gerações nascem, crescem, florescem, amadurecem e decaem, feito frutos de uma mesma árvore, transformando-se no adubo rico necessário para a próxima colheita. Venerar os ancestrais mantém viva a conexão entre as gerações, os vivos reconhecendo e agradecendo àqueles que trilharam antes os caminhos, abrindo portas e deixando o legado das suas experiências e realizações.

De uma forma ou de outra, todas as antigas culturas do hemisfério Norte reverenciavam os mortos, com celebrações e oferendas realizadas no final do outono, quando a própria natureza entrava em declínio. Festejavam-se ao mesmo tempo a última colheita, o abate dos animais para garantir a sobrevivência humana durante os meses de inverno e a lembrança daqueles que tinham passado para o mundo dos espíritos, ao longo do ano.

Os nomes das comemorações dos ancestrais variavam de um país para outro “Pitra Visarjana Amavasya”, na Índia; “O Dia

das almas errantes”, no Tibet; “Festival Obon”, no Japão; e “A festa dos fantasmas famintos”, na China. Na África, em Daomé (atual Benim), celebrava-se “colocar a mesa”; na Sicília, na festa dos “I Morti” as mesas eram postas com “armuzzi” “as mãos do morto” modeladas em massa de pão, enquanto no resto da Itália os doces de clara de ovo com amêndoas e açúcar eram chamados de “ossi di morti”. No México, até hoje, os familiares fazem piquenique nos cemitérios, levando para os túmulos, enfeitados com guirlandas de calêndulas, os pratos e as bebidas preferidas dos falecidos.

O dia de Los Muertos mexicanos não é uma comemoração macabra ou grotesca, mas uma maneira alegre, divertida e espontânea de reconhecer a inevitabilidade da morte. Ela aparece nos brinquedos das crianças (representada como soldado, herói, policial, médico, dentista, jogador de bola, professor, noivo ou noiva), nos enfeites de açúcar e nos doces, modelada como caveira ou esqueleto e nas “calaveras” cartões e imagens de caveiras coloridas com dizeres engraçados trocados entre os amigos. Todos têm um esqueleto, todos vão acabar no cemitério, portanto, é melhor se acostumar desde criança com esta realidade.



As datas dos festivais dos mortos também diferiam de uma cultura para outra. No Egito, a baixa do Rio Nilo, em novembro, marcava o início de “Isia”, a celebração de seis dias que lembrava a morte do deus Osiris. Procissões, drama sagrado, cânticos e danças reencenavam a sua morte e ressurreição, bem como a celebração do retorno das almas para visitar seus familiares. Lamparinas iluminavam suas antigas moradias e os caminhos para orientá-las, os templos e as casas eram enfeitados com flores e oferendas de comidas e bebidas. Do Egito, este costume se espalhou pela Europa e foi preservado e adaptado pelos povos celtas. Por serem povos pastoris, os celtas dividiam o ano em duas estações o verão, quando o gado era levado para os pastos, e o inverno, quando era trazido de volta.

“Samhain” (pronunciado “souen”) era o festival celta dos mortos celebrado no dia 31 de outubro, considerado o primeiro dia de inverno e o início do Novo Ano. Neste dia, os véus entre os mundos se tornavam mais tênues, as almas transitavam mais facilmente de um lado para outro. Além dos familiares mortos, outros seres se manifestavam nesta noite fadas escuras, elfos, almas perdidas, espíritos zombeteiros. Para se protegerem deles, os celtas usavam máscaras de animais e acendiam fogueiras nas colinas para guiarem os espíritos dos seus ancestrais de volta para suas antigas casas, enfeitadas com lamparinas de abóbora ou nabo colocadas nas janelas e nas portas. Durante séculos, o cristianismo tentou, em vão, suprimir os festejos de três dias do Sabbat Samhain. Por não conseguir, apelou para o sincretismo religioso, criando o Dia de Todos os Santos e o Dia de Finados, sobrepondo a data cristã ao antigo festival pagão.

Os milhões de emigrantes europeus (principalmente

irlandeses que estavam sem meios de sobrevivência após a grande fome de 1846) levaram para sua nova pátria os EUA seus costumes e práticas ancestrais. Surgiu, assim, a festa profana de Halloween, pela metamorfose dos significados antigos (máscaras, fantasmas, lanternas, comidas), disfarçados em apresentações caricaturais (bruxas, chapéus pontudos, perucas coloridas, vassouras, lanternas de abóboras, caça aos doces este costume sendo uma reminiscência do hábito antigo de dar esmolas aos pobres e comida para as almas). O comércio e Hollywood contribuíram, em muito, para tornar o antigo festival Samhain em festa folclórica, infantil ou em um simples baile de máscaras. Mesmo assim, alguns povos ainda preservam de forma autêntica as tradições dos seus ancestrais. Os nativos norte-americanos celebram até hoje, na primeira lua cheia após o solstício de inverno, o retorno dos Kachinas os espíritos dos seus antepassados, com o Festival Soyal, que inclui danças com máscaras, fogueiras e oferendas.

No Japão, o Festival Obon é celebrado durante 18 dias, requerendo uma esmerada preparação prévia dos templos, jardins, casas para a recepção dos “shugoray” os espíritos dos ancestrais. As famílias se reúnem e invocam os espíritos com danças circulares que induzem a um estado de transe, facilitando percepções paranormais e manifestações de ectoplasma e telecinésia. Antes de Obon, os familiares vão em peregrinação para os cemitérios, limpam a área, plantam flores e deixam oferendas de comidas, bebidas e imagens de cavalos (para ajudar o deslocamento dos espíritos entre os mundos).



No último dia do Festival, os ancestrais estão sendo encorajados para voltar para a “Terra dos Mortos” e enormes fogueiras são acesas para lhes iluminar o retorno. Deste amálgama de informações e costumes, cada pessoa pode criar uma homenagem pessoal para

seus antepassados, seja criando um pequeno altar na sua casa (colocando fotos, objetos, lembranças no canto especificado pela sabedoria Feng Shui), seja preparando um pequeno altar externo (como na Tailândia), usando uma miniatura de casa (como uma gaiola de pássaros), pintada com símbolos que propiciem o renascimento para “receptionar” os visitantes do Além. Uma alternativa é seguir o costume vigente, levando flores para seus túmulos, encomendar um culto ou visualizá-los envoltos pela Luz Maior.

O importante é reconhecer o seu legado, reverenciar a linhagem ancestral, preservar as tradições antigas e honrar sua sabedoria lembrando a frase de Kahlil Gibran: “Todos os que viveram no passado vivem em nós agora. Que possamos honrá-los como hóspedes valiosos”.

* Extraído do livro “Anuário da Grande Mãe-Guia prático de rituais para celebrar a Deusa”, de Mirella Faur.



Plantas Medicinais

Sempre bom termos em casa uma farmácinha com ervas e plantas medicinais. Sejam frescas - colhidas no nosso próprio quintal - ou armazenadas secas, elas possuem as mais diversas propriedades e, usadas com de forma adequada, propiciam bem estar e alívio para vários males.

A cada edição, o Deusa Viva trará uma sugestão retirada da natureza que nos ajude a manter ou recuperar nossa saúde.

Calêndula officinalis L. - Desde a antiguidade propriedades medicinais são atribuídas às flores da Calêndula (Asteraceae) destacando-se a atividade cicatrizante. É uma planta herbácea anual, originária da região Mediterrânea, pertencente à família Asteraceae.

A calêndula tem sido usada rotineiramente em aplicações tópicas, tanto em cosmetologia como em dermatologia. Entre as suas atribuições terapêuticas mais difundidas estão a reepitelização e cicatrização de feridas.



As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção
"Watajis", de Mônica Fonseca**,

dedicada à Matriarca da Décima Lunação:

Mãe Guardiã da força criativa do todo. Aquela que tece a teia.

Sonhos que Semeio

Um sonho guardado
Quase dormindo
Um sonho quietinho
Bem escondido
Tem a minha verdade
Em desejos lindos
De dentro do meu peito
Ele me guia
O amor que une corações inteiros (2x)
Meu coração brilha sons
Que me fazem sair cantando
Canto a vida que semeio
Bordo os sonhos que criei
Danço o amor, o fogo, o beijo
Vibrando todo meu ser
O amor liberta pra tecer meu sonho (2x)

* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte os livros
"Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas" e "Anuário da Grande Mãe", ambos de Mirella Faur.

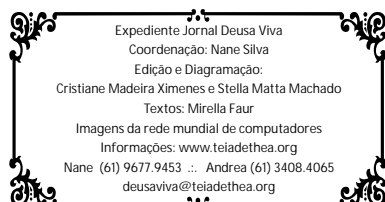
**O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.

Próximos Rituais

Celebração de Samhain: Reverência às Ancestrais
31 de outubro às 20h
Somente para mulheres

Plenilúnio: Celebração da Deusa nórdica Holda
17 de novembro às 20h
Somente para mulheres

Os rituais da Teia de Thea acontecem na
UNIPAZ Brasília DF. Energia de troca: R\$ 15,00



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Pasta uma breve caminhada entre as árvores, para que você colha incontáveis mensagens que a Natureza oferece como frutos, para nutrir a vida de quem se dispuser colher.

Sementes são um exemplo de confiança na vida, simplesmente germinam, a Natureza seguindo seu curso. A maioria delas, quando semeadas no outono, começará a germinar na primavera seguinte. O mesmo se dá com seus sonhos, que carecem de solo adequado e o tempo necessário para florescer.

Tal como os grãos, os sonhos devem ser semeados na profundidade apropriada. Semeaduras superficiais os deixam expostos a predadores e, se são plantados muito profundamente, isso pode inibir o processo de germinação. Cuide também de observar o clima adequado para cultivar seus tesouros. É importante lembrar que muitas espécies são originais de climas mais frios, onde as sementes caem no chão e são cobertas por folhas no Outono, dependendo de humidade. É necessário cuidar, então, para que o fogo da vontade seja dosado com sabedoria, para não comprometer a germinação.

Finalmente, filha, veja como é tola a tentativa de apressar o curso da vida: muitas vezes, se as sementes germinarem imediatamente após cair no chão no final do verão ou outono, a maioria morrerá durante o inverno frio. Em outros casos, o embrião interior de muitos tipos de sementes é imaturo e incapaz de germinar, até que amadureça. Sendo assim, o atraso no processo de germinação é essencial para a sobrevivência de muitas espécies.

Que você siga forte, para semear novos sonhos, cultivando com sabedoria a espera dos frutos. E que haja respeito pelo solo, pelas águas. Amorosamente, dou a você a Luz, para que germine e floresça o que você plantar.

Em força e confiança,

Aquela que é.

